

Masculinidade, Violência e Espaço Público: Notas etnográficas sobre o bairro Brasil da Praia (Cabo Verde)¹

Lorenzo I. Bordonaro²

Resumo

Nesse artigo, argumento que os *thugs*, jovens membros de gangs na cidade da Praia (Cabo Verde), não são uma descontinuidade histórica ou social, mas uma expressão paroxística de elementos próprios da cultura do país, da dinâmica identitária própria dos bairros e da masculinidade hegemônica. Na mesma medida, são também uma reação segundo lógicas sociais e culturais locais e através da apropriação de traços das culturas juvenis globais, às violentas transformações econômicas que têm marcado a sociedade cabo-verdiana na época pós-abertura.

Palavras chaves: Juventude, violência, Cabo Verde, masculinidade

¹ Apesar de que minha pesquisa decorra em Cabo Verde desde 2007, este artigo baseia-se numa etnografia específica sobre o bairro Brasil da cidade da Praia que realizei em 2012. Este texto enquadra-se nas actividades financiadas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), no âmbito da bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/27069/2006.

² Doutor em antropologia (ISCTE, 2007) e formando em pintura pelo ArCo (Lisboa). Tem trabalhado em vários projetos de pesquisa na Guiné Bissau desde 2001 e em Cabo Verde desde 2007, focando as questões juvenis. Tem realizado intervenções artísticas na área da Grande Lisboa e em Cabo Verde. Atualmente é investigador pós-doutorado do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Lisboa) e presidente da associação EBANO (Ethnography Based Art Nomad Organisation). Coordena ainda, juntamente com Ângela Nunes, o NEIJ, Núcleo de Estudos da Infância e Juventude, do CRIA.

Masculinity, Violence and Public Space: Ethnographic Notes on Brasil Neighbourhood (Praia, Cape Verde)

Abstract

Based on ethnography carried out in Brasil neighbourhood in Praia (Cape Verde), in this article I argue that the *thugs* (young gang members) are not a social or historical discontinuity. They are rather a paroxistic expression of features of local culture, of the neighbourhood identity, and of the hegemonic masculinity. At the same time they are also a reaction, according do social and cultural local logics and by means of the appropriation of features of the global youth culture, to the dramatic transformations that marked Cape-Verdean history after the economic opening.

Keywords: Youth, violence, Cape Verde, masculinity

*

27 de Abril de 2011 – Reportagem TCV no Jornal da Noite
(Televisão de Cabo Verde)

Speaker: "Muito boa noite. Uma criança foi assassinada nesta manhã de 4a Feira na cidade da Praia. Adilson tinha dois anos de idade e foi mais uma vítima da guerra de grupos de thugs que continua a atormentar a capital cabo-verdiana".

27 de Abril de 2011 – Meu caderno de campo – Madrugada. Acorda-me o ruído profundo e sinistro de um tiro de boka bedju³. Depois, logo a seguir, outros disparos. Devem ser 7.35. Cinco, seis tiros. No escuro do meu quarto ouço gritos, vozes, ruído de vidros partidos. Cautelosamente, chego ao meu terraço. Outros disparos. Fico atrás do muro do terraço, tentando olhar. Um ra-

³ Boka Bedju è um tipo de pistola artesanal.

paz de tronco nu corre em direção às casas do bairro, onde não consigo ver. Depois volta para trás, fugindo pela rua, um grupo de mulheres atrás dele.



Imagem 1: A varanda da minha casa no Brasil e a rua do confronto
Fotografia de: Lorenzo I. Bordonaro.

Uma casa baixa, de pedras, pintada de branco, a porta aberta para o interior escuro, como uma boca. Repórter: “Mais uma manhã trágica na cidade da Praia, mais uma vez no bairro do Brasil, na Achada Santo António. É a terceira morte no espaço de seis meses, todos vítimas dos chamados grupos de thugs, num bairro onde toda a gente se conhece pelo nome”. Dois polícia passam a frente de um grupo de pessoas a falar animadamente. A câmara enquadra uma mancha de sangue vermelho brilhante no chão.

O rapaz de tronco nu entra em sua casa, no fundo da rua, e refugia-se no terraço em cima do prédio. Daí com a ajuda de outras pessoas e familiares começa a bombardear a rua em baixo com uma chuva de garrafas castanhas de cerveja. Passa de um prédio ao outro, de terraço em terraço. Uma senhora de idade, com um lenço azul na cabeça, faz cair as garrafas vazias do terraço da casa para um beco, em baixo. Tenta esconde-las, na iminência da chegada da polícia? Não entendo.

Neste artigo, baseado num trabalho etnográfico no bairro Brasil da cidade da Praia, Cabo Verde, visou explorar o fenómeno dos grupos juvenis de chamados *thugs* numa zona muito específica da cidade. Estas gangs, ligadas fortemente às zonas do território e caracterizadas por marcas identitárias complexas e heterogêneas, têm vindo a redefinir a presença dos jovens no espaço público e mediático.

A câmara penetra dentro da casa escura, e mostra outra vez a mancha de sangue no chão. “Adilson foi a mais recente vítima, que aos dois anos de idade foi atingido por uma bala perdida enquanto se encontrava dentro de casa a tomar o pequeno almoço. Uma morte que revoltou os moradores que se dizem agastados por tanta impunidade”. A frente de um grupo de pessoas, um homem de camisola amarela e uma mulher des-penteadas choram, abraçados, e indicam a casa.

A polícia chega afinal. Dois carros do piquete. Mais um, logo depois. Com armas na mão param em frente da minha casa. Outros vão logo onde vi o rapaz se refugiar. Desço na rua, a

tempo para ver que levam o gajo algemado para o carro da policia. Depois os agentes começam a ir e vir, de um lado para o outro da rua, levando o tipo algemado. Ele está a identificar os outros que participaram na troca de tiros. Apanham duas mulheres, depois um rapaz que ainda não conheço. Falam todos extremamente rápidos e muitas coisas me escapam, entre os gritos e os insultos. Agora há muita gente na rua, a seguir e comentar os movimentos dos polícias.

Uma senhora é entrevistada: (em crioulo) “Estamos todos cansados, porque achamos que nós dentro da nossa zona, entre nos, devemos acabar com estas brincadeiras, porque mesmo quem não deveria, acaba por sofrer, como este anjo de Cristo, dentro de casa, sentado, estava a comer... Acho que não deviam dar um tiro, que apanhou o menino dentro de casa.” Speaker: “A revolta também para os defensores dos direitos humanos no país, a quem se pede que respondam a algumas questões”. Uma jovem mulher, furiosa, a beira das lágrimas, é entrevistada: “A policia está a violar os direitos humanos de quem? Será que aquela criança que morreu, não tinha direito à vida, a integridade física, ao descanso, a bom nome? Será que eu, que levanto da cama às seis da manhã não tenho direito ao descanso? Senhores dos direitos humanos, porque que quando a policia faz algo, vocês criticam? Fazem, bem feito, eu sou a favor da polícia. As vezes polícia exagera. Mas por amor de deus, respondam, queria ouvir a resposta da sociedade cabo-verdiana, da população de Brasil, o que é que aconteceu aqui?” Aponta a casa da criança morta.

(...)

Repórter: A população está revoltada com a situação. Quer ação para, uma vez por todas, por fim a tamanha violência. (...) Em casa de Adilson, o desespero e as lágrimas dos irmãos a tentar entender o sucedido. A vida de Adilson chega ao fim, vítima de mais uma briga de thugs, que fazem lei na cidade da Praia’

Outros autores, em particular Lima (2010, 2011a, 2012) e Cardoso (2012), já têm providenciado excelentes contribuições sobre este fenômeno no qual culturas juvenis, violência urbana e política se sobrepõem. Para estes autores reenvio quem queira aprofundar o fenômeno dos thugs em Cabo Verde nas suas generalidades. O texto que aqui proponho não quer abranger o fenômeno dos thugs na sua generalidade. Os resultados desta pesquisa não deverão portanto ser necessariamente generalizados, e as minhas conclusões estão estreitamente ligadas às especificidades deste antigo bairro da capital cabo-verdiana.

Contrariamente ao que comumente é afirmado em relação ao fenômeno dos thugs nos fóruns públicos, na imprensa e nos proclamas das chefias das forças políticas e policiais, os thugs, vou manter neste texto, não representam uma anomalia social. No bairro Brasil, os thugs são, pelo contrário, fortemente radicados na cultura local, e representam uma expressão paradoxal de elementos que caracterizam a construção local da masculinidade na sua forma hegemônica. Em outras palavras, cheguei a conclusão que os thugs não são uma descontinuidade histórica ou social, um desvio cultural, uma anomalia no 'funcionamento da sociedade cabo-verdiana', mas uma expressão paroxística de elementos próprios da cultura do país, da dinâmica identitária própria dos bairros, das ideias de masculinidade. Na mesma medida, são também, historicamente, uma reação segundo lógicas sócias e culturais locais e através da apropriação de traços das culturas juvenis globais, às violentas transformações econômicas que têm marcado a sociedade cabo-verdiana na época pós-abertura (1990). É comum considerar a violência, e a violência urbana e o crime em particular, como as consequências da anomia, da desintegração da ordem social, como atos caóticos e associais. Acredito por contra, como salientaram Robben e Nordstrom (1995, p. 2) que a violência é uma dimensão na existência das pessoas, não algo externo à sociedade e à cultura que 'acontece' às pessoas.

O bairro Brasil e a cidade da Praia

Na cidade da Praia, o bairro Brasil é tradicionalmente considerado um bairro ‘problemático’: pobreza, drogas, álcool, prostituição marcam os discursos públicos e mediáticos sobre esta zona da cidade. A cidade capital da república de Cabo Verde, que conta hoje uma população de cerca de 140.000, tem sido descrita por Lima (2011b) como uma cidade partida, onde o fosso social se inscreve na morfologia urbana e na distribuição da população no território. De forma comparável a outros contextos urbanos (Simone 2004, Davis 2006), o desenvolvimento urbanístico da cidade da Praia reflete de fato a crescente polarização da população cabo-verdiana. Os agregados familiares de classe média e alta ocupam as zonas históricas requalificadas (que limitam-se essencialmente ao Platô, o antigo bairro da administração colonial) e as áreas residenciais construídas recentemente de acordo com a planificação urbanística. Entretanto, bairros espontâneos alastraram nos terrenos menos rentáveis. Foi precisamente nestas áreas e em outros bairros históricos da cidade (Achada Grande Frente, Achadinha, Brasil) que a maioria das questões sociais, muitas associadas à população juvenil, se tornaram particularmente visíveis na última década. Ambigualmente identificados como ‘em risco’ ou como ‘um risco’, os jovens nestas zonas urbanas são cada vez mais o alvo das agências sociais do governo, bem como – e de forma cada vez mais repressiva e violenta – das forças policiais e repressivas do Estado.

Apesar de ser um bairro antigo da capital, o bairro Brasil tem sido alvo de um discurso estigmatizante e apontado como receptáculo de problemas sociais: nos meses da minha pesquisa etnográfica, no primeiro semestre de 2011, tinha até sido identificado pelos média como o bairro mais perigoso da cidade da Praia. No bairro, desde 2009, o fenômeno dos *thugs* tem sido particularmente importante, caracterizando de forma marcante as dinâmicas internas do mesmo, bem como o discurso público sobre esta zona da cidade. Sem querer, com já disse, abranger o

fenômeno nas suas generalidades, os thugs são jovens associados a gangues que surgiram recente e rapidamente na Praia e no Mindelo (e mais recentemente em muitas outras zonas urbanas) e que estão a redefinir as modalidades da 'criminalidade juvenil'. É suficiente aqui salientar que os gangues juvenis estão geralmente associados a zonas específicas do território urbano, produzindo identidades e pertenças assentes no antagonismo violento com outros grupos similares baseados em outras zonas. A dimensão identitária e os elementos semânticos e estilísticos tornam-se centrais na produção destes grupos e secundarizam os elementos econômicos, nem sempre presentes.

Face a este fenômeno, o governo cabo-verdiano tem implementado um aparato repressivo particularmente duro. De fato, como já salientei (Bordonaro 2010, 2012), a preocupação com a segurança urbana chegou a proporções obsessivas na última década em Cabo Verde. Desde os primeiros anos de 2000, a criminalidade tem sido um argumento-chave no debate público e político do país. Uma série ampla de fatores levou a um aumento significativo da pequena criminalidade nas áreas urbanas: os casos de assaltos, popularizados pelo nome de *kassubodi* (do inglês *cash or body*), que levaram à morte algumas das vítimas, desencadearam o pânico na população e suscitaram grandes contestações do governo, de forma particular quando pistolas e armas artesanais começaram a ser utilizadas pelos assaltantes. Os thugs, tornaram-se os *folk-devils* da sociedade local, contribuindo para a estigmatização e criminalização da juventude em geral e da cultura *hip-hop* surgida recentemente nos bairros das cidades. Numa altura de transformações rápidas e polarização de classe, a criminalidade juvenil tornou-se um tema simbólico em Cabo Verde, e os jovens delinquentes converteram-se nos bodes expiatórios de preocupações morais frequentemente não explicitadas e relacionadas com as transformações sociais e culturais.

O governo cabo-verdiano, respondendo às acusações de incompetência dos partidos de oposição e da imprensa, adotou uma

política fortemente repressiva da criminalidade juvenil, literalmente assediando as áreas públicas e as zonas periféricas e/ou de risco em ambas as cidades principais. Até a Polícia Militar foi chamada para intervir na cidade da Praia por duas vezes, enquanto duas novas equipas especiais foram criadas dentro da Polícia Nacional: a Brigada Anti-Crime (BAC) e a Brigada de Investigação Criminal (BIC).

A implementação destas medidas meramente repressivas da criminalidade juvenil tem levado a um aumento considerável da população prisional que, segundo minha investigação nos arquivos prisionais, quase duplicou nos últimos dez anos, e chegou, em 2009, de acordo com o relatório sobre os direitos humanos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, a 1300 indivíduos, cerca de 255 por 100.000, o maior valor entre os países da África Ocidental (Walmsley, 2008).

A imprensa nacional, a rádio e a televisão tiveram um papel importante na criação do pânico e do sentimento de insegurança nas áreas urbanas. Desde 2000, foram publicados numerosos artigos, com títulos apelativos e alarmantes, que indicavam o aumento do crime e da violência urbana, o envolvimento dos jovens dos bairros “problemáticos”, e a incapacidade da polícia para lidar com esta nova ameaça. Várias áreas da Praia são, consideradas *off limits*, perigosas, fora do controlo policial. Bancos, restaurantes, firmas, ministérios começaram a utilizar seguranças privados, e ao mesmo tempo muros, arame farpado, câmaras de segurança e condomínios fechados surgiram em algumas áreas das cidades⁴.

Apesar da campanha pública negativa e do estigma, o bairro Brasil mantém para os seus moradores uma identidade essencialmente positiva. Se os operadores sociais apontam para o bairro como um exemplo de desestruturação familiar, vícios e degeneração moral, os moradores salientam os elementos positivos do

⁴ Para uma comparação interessante, veja-se Caldeira (2000) sobre São Paulo, no Brasil.

mesmo. O bairro, conforme a minha pesquisa, não sofre de patologias sociais, como os agentes moralizadores do estado apontam: diria mais que o Bairro está organizado de forma diferente, essencialmente em resposta à necessidade econômica, ao declínio das oportunidades de trabalho, e à insegurança social. O bairro Brasil é um contexto social regulado por relações sociais complexas, socialmente estratificado, funcional segundo uma lógica própria que não é a que os decisores políticos acham apropriada. O bairro tem uma função econômica que permite a sobrevivência mesmo em situações de pobreza e desemprego prolongado através de uma lógica redistributiva que funciona através da rede de relações de consanguinidade e afinidade. O bairro Brasil revela uma grande coesão social, uma identidade específica, um estilo de vida particular, em oposição a outras zonas da cidade.



Imagem 2: Vida no espaço público no bairro
Fotografia de: Lorenzo I. Bordonaro.

Se a maioria dos moradores do bairro Brasil, salientam a sociabilidade do bairro como um elemento positivo, e descrevem-no como um bairro onde “se vive bem”, também apontam para a insegurança que deriva da atividade dos thugs nos últimos dois anos, como o maior problema do bairro. Todavia, como demonstro a seguir, os elementos identitários do bairro e a coesão social do mesmo, não são antagônicos à lógica de atuação dos thugs, que representa pelo contrário uma manifestação, todavia ambígua, da identidade territorial. A lógica de coesão interna do bairro e a violência dos thugs estão só aparentemente em contradição.

Os thugs e o bairro: relações ambíguas

Na rua a música que vem do bar da Natalina é forte. Airton⁵ abre a porta da sua casa, um pequeno quarto, cama, televisão, sofá. “Entra, podes entrar”. “Posso entrar com cigarro?” pergunto. “Podes entrar, sim”. Entro, junto a Nelu. “É aqui que estou a morar, vês? A minha mãe foi para a Guiné Conakri, minha mãe morava aqui, mas costumavam rebentar a porta⁶. Mas a minha mãe tem um problema de coração, ia morrer de coração... Bom, sentamo-nos aqui” Indica um sofá e umas cadeira.

Airton (24 anos) e Nelu (25 anos) foram meus vizinhos de casa durante a minha residência no bairro Brasil. Airton trabalhava como carpinteiro, de forma precária; Nelu tinha emprego estável, depois de alguns anos passados como lavador de carros na rua. Airton pertencia ao grupo thug mais antigo da zona do Brasil, denominado Tabanca. B não fazia parte de nenhum grupo.

⁵ Os nomes próprios das pessoas foram todos alterados, assim como outros elementos, para tornar a identificação (espero) impossível.

⁶ Rebentar as portas (*kebra porta*), é a forma típica de ataque que os grupos de thugs rivais levam a cabo quando entram no bairro inimigo, para tentar penetrar nas casas dos seus inimigos.

Além do grupo Tabanca, tinha nascido na mesma área, um outro grupo, que reuniu rapazes mais novos, denominado Caixa Baixa (CB). Um outro grupo mais informal, Caixa Baixa Júnior (CBJ), juntava os elementos mais novos ainda. Apesar de alguns pequenos conflitos entre os membros dos dois grupos principais, Tabanca e Caixa Baixa operavam no Brasil em acordo, num conflito particularmente áspero com os grupos thugs da zona de Achada Riba, a zona limítrofe a Norte do bairro Brasil, sempre em Achada Santo António. O tiroteio que descrevi no início e que levou à morte de Adilson, representou um episódio deste conflito.

Airton: Moro cá com o meu irmão, pagamos uma renda todos os meses de 3000 escudos à proprietária da casa.

Lorenzo: Mas então a casa não é da tua mãe.

Airton: Não. O meu pai é que tem casa, no Castelon (outra zona da Praia), uma casa grande.

Nelu tira do bolso um pacotinho de coca. Airton passa-lhe um ferro de passar roupa. Nelu pega no ferro, vira-o ao contrário, abre o pacote e começa a fazer linhas de pó branca.

Lorenzo: Porque é que não foste morar com o teu pai, lá na Castelon?

Airton: Porque é na Castelon. Nós gostamos mais daqui, entendes? Este lugar aqui, entendes? Aqui é fixe, vês, aqui quem mora aqui não quer ir embora.

Qual é a relação do thugs com o bairro, e sobretudo, com os restantes moradores? Considerando que se trata de um bairro onde poucas milhares de pessoas vivem, a pergunta surgiu logo no início. Depois de ouvir tantas acusações, insultos, queixas públicas contra os thugs, comecei a me perguntar como podiam estes thugs continuar a viver num bairro onde todos se conhecem e

têm algum vínculo mais ou menos próximo de parentesco. De fato, os thugs acabam por ser filhos, netos, primos, irmãos de outras pessoas que moram no bairro.

Airton pega num bocado de palhinha e cheira uma linha, depois passa o ferro e a palhinha para mim.

Airton: Aqui é *descontra*, as minhas festas, a minha música, vês?

Lorenzo: E vives cá com a tua mulher e o teu filho.

Airton: Ya, ya.

Lorenzo: E estão onde?

Airton: Bom, a minha mulher e o meu filho, estão na casa da sua mãe, aqui na zona mas numa outra casa. Aqui é thugs, vês, thugs costumam arrebentar a porta aqui, por isso ela não quer ficar aqui, entendes?

Nelu volta a fazer mais três linhas de cocaína no ferro.

Airton: Arrebentam portas, aqui com a minha mulher e o meu filho, eles não devem pagar por isso. Aqui é *descontra*, vês - enquanto me passa outra vez o ferro com as linhas de pó. Aqui nós pomos o nosso som, fazemos o nosso 'sorvete', vendemos...

Lorenzo: Então a guerra dos thugs não acabou ainda. Me disseram que a gente daqui queria acabar com isso...

Airton: Sim, mas os do lado de lá não querem... Vês, os do lado de lá, têm nos dados montes de tiros. Nós é que somos mais sofridos deles.

Lorenzo: Como assim?

Airton: Bom, o primeiro tiro, foram eles que deram. Antes nos estávamos só naquelas nossas guerras com pedras e garrafas, nem pensávamos nas pistolas, entendes? No dia de Carnaval eles deram um tiro a Vani nas costas. 14 dias no hospital.

Lorenzo: Aquele foi o primeiro tiro que foi dado?

Airton: Foi no Carnaval de 2009.

Nelu: Deram um tiro a minha prima também, Jessica, no pescoço. Ainda tem a bala aí. Ela tem filho. Estes foram os primeiros tiros que foram dados.

Lorenzo: Mas isso, foram balas perdidas?

Airton: Não! Atiraram mesmo. Quiseram atirar. A minha prima estava vestida de homem. É a partir daí que a guerra tem começado mais forte. Pensámos arranjar pistolas também, para defender-nos.

Lorenzo: Mas aquela cena da guerra com garrafas e pedras, como é que surgiu então?

Airton: Antes, íamos para Achada Riba, bebíamos os nossos ponches, pegávamos as meninas de lá, eles ficaram com ciúmes, entendes, e começamos com aquela guerra de pedras e garrafas. Anos daqui, do lado de baixo (Brasil), muitos homens levaram tiros, quem no pé, quem no rabo. Assim, muitos. Nós somos mais sofridos que eles .

Lorenzo: Mas porque? Eles têm mais armas?

Airton: Não, é por causa da policia. A policia os protege. Nós, ora que fazemos algo, a policia vem só aqui, só aqui. Para nos apanhar e bater-nos com bastão. Entendes. É por isso que ficamos com rancor.

Nós temos muita ‘tropa’⁷ na cadeia. Nós éramos muitos, mas agora somos poucos. Muitos homens estão na cadeia, a maioria. A polícia vem só contra nós. Nós que somos mais sofridos. Os outros rapazes, lá de riba, fazem alguma coisa, e eles vem só contra nós.

Lorenzo: Mas porque?

Airton: Eles é que sabem...o lado de baixo tem mais má fama, vês?

...

Lorenzo: Mas não tens medo da cadeia?

Airton: Não, responde, não tenho medo da cadeia, sabes porque? Bom, tu também, se alguém pensa te dar um tiro, não queres levar, queres dar também, entendes? E por isso.. azar tem, azar tem, podes dar uma tiro, correr mal, e vais para cadeia, entendes. Essa vida aqui é muito arriscada.

Lorenzo: Sim, mas se vais para cadeia, o teu filho, por exemplo...

Airton: Sim, eu penso nisso todos os dias, vês? Eu não sou thug, me dão fama de thug, mas eu fico sempre no meu lugar, não me meto com ninguém, vês? Aqueles de Achada Riba, vês, entram na zona, eu me defendo, entendes?

Nelu: Lorenzo, Lorenzo, uma vez era pior do que agora, antes que tu viesses para cá, os de Achada Riba vinha todos os dias, de dia, tipo as duas da tarde, vinham fazer abusos aqui no nosso bairro. Por isso que os thugs daqui não gostam deles. Eles vem aqui dão tiros, apanham crianças..

⁷ Tropa: elementos do grupo thug, segundo metáforas militares que são muitos utilizadas nos grupos.

Depois esse rapazes daqui, esses thugs daqui, da Achada Santo António, ficaram a defender o nosso bairro daqui, da Achada Santo António. Para defender o nosso bairro. Até aquela casa lá no fundo, nos defendemos.

Lorenzo: Portanto a vossa zona é até a rua do bar da Julieta

Nelu: Sim, mais de que lá não posso ir. As pessoas daqui não podem ir.

Airton: As mulheres daqui, também, não podem ir, eles batem nelas.

Nelu: Também pessoas mais idosas..

Airton: Nós não fazemos isso, entendes?

Nelu: Também uma senhora aqui que vai do outro lado, vender peixe, eles dizem logo: 'O que está fazendo aqui na nossa zona? Vai para Brasil'

Airton: É daí que a guerra surgiu, vês? Eles querem abusar, nós nunca batemos numa mulher, vês?

Lorenzo: Mas os de Achada Riba, podem vir cá no bairro?

Airton: Não, claro.

Nelu: Por respeito, também.

Airton: Quando eles vêm rebentam portas, janelas, vês? A minha mãe estava aqui, vês...Os thugs aqui da nossa zona, não existiam. Eles começaram a vir, lá da zona de riba, a 'dar no cu' a todos aqui na zona, nós temos que manter o nosso respeito na zona, temos que defender a nossa zona, entendes?

Nelu: As pessoas daqui levavam porrada, eles faziam o que eles queriam, por isso que os rapazes daqui, os thugs daqui, disseram, não podem pessoas de outro bairro vir aqui fazer o que eles querem no nosso bairro, por isso que ficou assim, com rivalidade. Eu tenho família na outra zona...

Airton: é fodido...Thugs di Achada Riba vêm para fazer abusos na zona, nós não deixamos, entendes, nós defendemos. É por isso que esta guerra fica mais dura, eles vieram matar aquele rapazinho, filho daquele holandês, Johannis, eles aproveitaram que a luz se foi, vinham para dar tiro em alguém de nós e apanharam o rapazinho.

11 Março de 2011 – reportagem TCV

Speaker: Um adolescente de 15 anos foi morto a tiros no bairro Brasil da Achada Santo António. Aos todos foram três baleados, mas os outros dois estão no hospital Agostinho Neto e já não correm perigo de vida.

Repórter (Imagem de Johannis em traje branco da primeira comunhão): Johannis tinha 15 anos e é mais uma vítima da violência que reina na cidade da Praia. Morava no bairro de Brasil e foi morto a tiros ontem à noite quando se encontrava sentado nesta praça ginásio ao ouvir música porque não havia luz eléctrica no bairro. O pai do menino é holandês, e vive há 22 anos em Cabo Verde.

(...)

Os tiroteios e as agressões hoje fazem parte do dia a dia dos moradores do Brasil e de outros bairros da cidade da Praia.

No discurso dos thugs, a sua ação não é legitimada unicamente do antagonismo com o outro grupo. O conflito entre thugs é na prática um conflito entre zonas, que se alastra e envolve outras pessoas fora dos componentes dos grupos. A lógica thugs é uma lógica de proteção e respeito, como as palavras de Airton e Nelu exemplificam, e os thugs se assumem como os ‘defensores’ do bairro e dos seus moradores.

De uma forma complexa, os thugs agem, portanto, no respeito da lógica identitária do bairro, confirmam a sua coesão e legitimam a sua ação frente a si mesmos e à comunidade, com a necessidade de proteção da zona dos ataques dos rivais do bairro limítrofe. Mais do que isso, os thugs fazem a todos efeitos parte da comunidade do bairro, não só por terem nascido na zona, mas por fazerem parte dos vínculos e das redes familiares que constituem o framework da zona e a sua real estrutura social. A maioria dos thugs, especialmente os mais novos do grupo Caixa Baixa, vivem com as suas mães, sobrevivendo com pequenos trabalhos, e, principalmente, através da rede de apoio familiar e de amizades.

De fato, esta rede social de vínculos interpessoais gera alguma ambiguidade em relação ao fenómeno dos thugs. Se analisarmos a relação entre os thugs e o bairro, deparemos com uma situação mais complexa do que podemos imaginar. A ideia da violência thug como algo externo, que vem de fora, que não tem relações com os bairros onde se manifesta, é algo que é preciso ultrapassar para entender este fenómeno.

Assim Dudú, um rapaz que não pertencia a nenhum grupo thug:

Dudú: Imagina, tu não és thug. Tu ficas no meio de uma guerra, uma bala te apanha. Vais te vingar. Já tu és thug. Se tu vais te vingar, então já és, és considerado como thug. ... As vezes acabas thug sem querer. As vezes, tu vais para Achada Riba, tu não és thug, mas sabem que tu és do Brasil, eles 'dão-te no cu'. Quando vais para lá, só para falar, eles 'dão-te no cu'. E assim que fazem, ninguém vai para lá.

Lorenzo: Mas a coisa também acontece ao contrario? Os de riba não podem vir aqui?

Dudú: O pessoal de lá não vem para cá. Uma vês Achada estava bem, estava unida. Era uma. Agora ficaram 20, 40... Achada já estraga.

Poucos dias depois da morte de Adilson e depois que Ivan, um rapaz do grupo Caixa Baixa, já tinha sido preso por ter sido reconhecido como o autor do disparo, estive a realizar entrevistas no Centro de Intervenção Comunitária do Bairro Brasil⁸. Durante o almoço nesse espaço, tive a oportunidade de conversar com uma rapariga de 10 anos, Rita:

Rita: São os de riba que são atrevidos.

Lorenzo: Sim, mas Ivan também estava com a arma na mão!

Rita: Sim... (pouco convencida) Mas Ivan não devia ser ele só a ir para julgamento.

Lorenzo: Mas outros também irão... Valery por exemplo, conheces Valery?

Rita: Sim, é meu primo. Ivan também é meu primo...

Lorenzo: E Valery, é um bom alguém?

Rita: Sim! Ele é boa pessoa.

Lorenzo: Sim eu gosto muito de Valery também.

Rita: É um bom alguém.

Lorenzo: Mas não disseste antes que os thugs são maus?

Rita: Sim.

Lorenzo: Então?

⁸ Fundado em 2007 a partir de uma parceria entre a Aldeia SOS Cabo Verde e a Fundação Caboverdiana de Solidariedade

Rita: Mas Valery é um bom alguém.

Lorenzo: Mas Valery não é thug?

Rita: É thug sim. Se vais visitá-los na cadeia, leva os meus cumprimentos para eles, fala-lhe para ficar direito.

O envolvimento de alguns rapazes no grupo dos thugs cria de fato um conflito no bairro entre duas lógicas diferentes. Por um lado os thugs são estigmatizados. Sobretudo depois da morte de vários jovens, os moradores se queixam da insegurança no bairro. Todavia, numa situação onde as pessoas são todas interligadas por vínculos de parentesco e amizade, os thugs acabam por ser netos, primos, filhos das pessoas do bairro. Ainda por cima, os thugs da zona operam – lutam – principalmente contra os thugs de uma outra zona (Achada Riba), uma zona ‘externa’ ao bairro, reforçando a identidade do mesmo e protegendo-o dos ataques dos elementos dos outros grupos thugs. Não é ilógico portanto dizer que os thugs “protegem” o bairro.

Os moradores do bairro se encontram portanto numa posição ambígua, que se manifesta na contradição entre a condenação pública e as queixas generalizadas, e a falta de colaboração com a polícia. Existe um conflito entre a lógica da pertença e identidade do bairro, que assenta em vínculos familiares e de amizade, e a lógica moral do estado e da polícia. A nível abstrato os moradores optam pela moralidade do estado (a violência é para combater e a polícia deve intervir); a nível prático e quotidiano optam pela a lógica da família e do bairro. Não é raro portanto, como no caso da Rita, ouvir moradores a declarar que os thugs são a desgraça do Brasil e que a polícia deveria pô-los a todos aos trabalhos forçados, mas a defender ao mesmo tempo o primo ou o neto, apesar da sua manifesta adesão a um dos grupos thugs.

Os thugs, a masculinidade hegemônica e a violência

Se a condenação da violência thug é unânime entre as pessoas com quem falei, a relação com a violência em geral é bastante mais controversa. Mesmo as pessoas que mostravam uma posição abertamente crítica para com os thugs, como Carlos (30 anos), tinham de fato uma postura ambígua em relação à violência e ao conflito em si:

Carlos: Guerra, assim guerra. Imagina, eu e tu, nos brigamos com socos. Tu me ganhas, não tem problema. Mas ir buscar pistolas... não!...balas!? Para matar alguém a tiro?

Lorenzo: Quando eras novo, vocês também tinham guerras?

Carlos: Sim, isto é normal. Agora, qualquer alguém, homens, não sei vocês do lado de lá, mas nós Africanos, aqui, um rapaz tem que brigar. Ah sim, tens que brigar. Tens que mostrar que és galo! Até podes nunca ganhar, mas tu tens que brigar. Ficar assim, sem nunca brigares, ficas naquela 'não, não', bom, te batem todos os dias. Tens que brigar, tens que brigar. Aqui é a lei Africana! Em tua casa, às vezes, podes até não fazer nada. Mas aqui na rua, é outra coisa. A rua é uma outra coisa. A rua tem a sua lei, a sua própria lei. Tens que ser homem. Imagina, nós criámos juntos. Imagina, dentro daquele grupo temos que saber quem é valente, quem que é covarde... deve-se saber. No teu grupo, no grupo da juventude, deves saber entre os teus colegas que aquele ali é valente, que ele briga, aquele outro não, não é homem de guerra, não é homem de problemas. Tens que brigar, credo! Eu uma vez ia para a escola, bateram em mim, foi contar para casa. A minha mãe me pus na rua: 'Vá descontar'. Tens que brigar! Se não, não almoças!

Como já salientei, precisamos reinserir os thugs nas dinâmicas, locais e globais, da sociedade Cabo-Verdiana, rejeitando a visão comum que aponta a violência como um comportamento monstruoso, anormal, demoníaco, não humano, associal. A violência é uma dimensão da existência das pessoas, não algo externo à sociedade e à cultura que “acontece”. Além disso, como sugere Glenn Bowman, a violência é uma força que se manifesta não só na destruição de limites, mas também na sua criação. A violência, além de ser uma *performance* durante a qual uma entidade viola a integridade de uma outra entidade, pode também servir para produzir identidades íntegras (2001, p. 27). A violência é ‘produtora de mundos’ (*world-making*) (Bowman, 2001, p. 32).

Os thugs são expressão de um modelo de masculinidade que privilegia o conflito, que se manifesta no bairro quotidianamente em formas mais ou menos explícitas, e que tem a ver com noções centrais a nível identitário quais ‘cobardia’, ‘afrota’, ‘respeito’, ‘valentia’⁹. Os thugs são uma *variação* sobre este tema cultural. Isso implica que o aspecto cultural, simbólico da violência no bairro é relevante na nossa análise do fenómeno thug “quanto” as questões da pobreza ou desigualdade social, que vou abordar na próxima seção. A relação entre uns elementos e os outros, entre processos econômicos e semânticos, tem que ser complexificada. Seguindo uma sugestão de Alba Zaluar (2002), podemos até dizer que o valor cultural, o lugar simbólico da violência no bairro e na construção da masculinidade é o elemento mais importante para entender o fenómeno thug da pobreza e da desigualdade social. Pobreza e desemprego não “causam” a violência de uma forma simples e direta. Os thugs não são comuns delinquentes: por isso é importante discutir a relação entre violência juvenil e a construção da masculinidade nos contextos urbanos em Cabo Verde. O thug é a hiper-expressão de uma identidade masculina que as-

⁹ É importante salientar que estou aqui a falar da ‘masculinidade hegemônica’: isto implica que obviamente existem outras formas de ‘masculinidade’ no contexto urbano em Cabo Verde. Vejam Carrigan, Connell, e Lee 1985 e Connell 1995.

senta na noção de respeito, e que impõe a conquista e a manutenção do mesmo no espaço público através do confronto com outros homens. É este terreno de cultura que permite o surgimento e o florescer, em situações bem específicas, dos thugs.

O comportamento agressivo é portanto central na construção da imagem pública dos rapazes, e torna-se fulcral na performance eficaz da masculinidade. Como algumas das entrevistas citadas apontam, o ethos dos thugs não é em contradição com esta moral do respeito e da honra. Pelo contrário, o fenômeno dos thugs é legitimado pelos seus membros pela sua função de proteção de defesa da zona dos outros grupos thugs adversários, pela defesa da honra e para ganhar respeito. De fato, os thugs do Brasil não têm uma motivação ‘material’ para entrar em conflito. Não desempenham um papel econômico, não gerem o tráfico de droga, não ‘ganham’ nada, em termos materiais. Apesar do *show off* de uma ideologia *power and money*, das camisetas de Tony Montana¹⁰, os thugs do Brasil acreditam desempenhar uma ação de proteção ao mesmo tempo do bairro e da sua honra, ganhando respeito.

Nesse contexto, a teoria da subcultura da violência (Wolfgang e Ferracuti, 1967) parece ter algum cabimento:

The subculture of violence construct posits that it is the normative behavioural systems of groups that support, encourage, and condone violence. These norms help guide gang members in how and when they react to real or imagined slights and threats to themselves or fellow gang members, such as hostile stares (called “mad dogging” by street youths in Los Angeles), a chance encounter with known gang enemies (e.g., when cruising or

¹⁰ O ídolo dos jovens thugs do bairro Brasil não era Che Guevara, nem Amílcar Cabral ou Malcom X: era Tony Montana, a inesquecível personagem do filme *Scarface*, de Brian de Palma, interpretado por Al Pacino. Mas à figura do ‘gangster’ sobrepõe-se a dos combatentes em geral. Os combatentes, os soldados são figuras centrais na construção da identidade do thug. Os rapazes utilizam uma série de termos da linguagem militar para se identificar (a minha tropa, os meus soldados, os inimigos), e falam da sua actividade contra os grupos rivais como actividades de protecção do bairro.

walking in nongang territories), or paybacks (i.e., retaliation by consciously seeking gang enemies to attack). Violence is expected or required under these and other conditions and situations; otherwise the gang member risks being disrespected (“dissed”) by other gang members. Failure to live up to these norms brings a loss of honor.... (Vigil, 2003, p. 228-9)

Todavia, temos que salientar logo que, no caso do bairro Brasil, não se trata de uma ‘subcultura’ de forma nenhuma: não representa uma descontinuidade em relação à ideologia da masculinidade hegemônica no bairro, nem uma característica exclusiva das classes populares. Como na entrevista com Carlos, citada antes, as noções de respeito, da valentia, da necessidade do confronto, são incorporadas desde a infância de uma forma relativamente geral. É claro que ser criado na cultura do respeito e da valentia, não implica necessariamente aderir a um grupo thug: ainda mantenho que o thug representa uma manifestação quantitativamente e não qualitativamente diferente dessa lógica geral.

Além disso, as teorias da subcultura da violência atribuem à socialização na rua, à cultura da rua (em oposição à cultura institucional/doméstica) a responsabilidade para o seu nascimento e florescer. Isto não é certamente o caso no bairro Brasil. Aqui, como outros autores têm reparado em outros contextos (DaMatta, 1997; Hecht, 1998; Kovats-Bernat, 2006) a rua é o espaço de socialização privilegiado, e não um lugar marginal: a rua não se opõe em termos simbólicos ao espaço doméstico. A estigmatização da rua como lugar propício ao surgimento da subcultura violenta e marginal, como parece apontar a teoria da subcultura da violência, não corresponde à situação no bairro Brasil. A oposição entre casa e rua (home/street) não funciona aqui no bairro, apesar de ter sido utilizada recorrentemente no discurso da intervenção social (Bordonaro e Lima, 2011), no qual assistimos à ficção celebrativa do espaço doméstico, quer em

termos materiais (a casa) como em termos sociais (a família nuclear), como lugar apropriado para a reprodução social. A rua não representa no bairro o que Vigil define como uma 'alteração do processo de socialização' (2003, p. 235): pelo contrário, a rua é o espaço primário de socialização.

Além disso, a centralidade do 'confronto' para a reafirmação da identidade masculinidade é presente de forma similar entre as 'forças da ordem'. Após observação de várias intervenções policiais nos bairros, posso avançar que o policial incorpora a mesma lógica de supremacia masculina, e põe a sua farda e as suas armas ao serviço da mesma lógica da honra e do respeito. Paradoxalmente os thugs e os policia operam segundo o mesmo ethos. Apesar do seu papel institucional, os agentes no terreno vêm os thugs como um desafio pessoal à sua autoridade, à sua supremacia masculina, ao seu domínio no espaço público. A violência e o abuso é aqui inevitável, o conflito é um conflito entre homens, mais de que entre a lei e os transgressores.



Imagem 3: Apreensão policial no bairro
Fotografia de: Lorenzo I. Bordonaro.

As medidas repressivas que foram implementadas em Cabo Verde para travar a onda de violência urbana, traduziram-se de fato também em episódios de violência e violações de direitos humanos pelas forças policiais, quer durante as operações no terreno quer com indivíduos sob custódia nas esquadras. Estas violações dos direitos humanos, das quais tenho inúmeros testemunhos, foram também salientadas pelo Departamento do Estado dos Estados Unidos da América, no seu relatório sobre os di-

reitos humanos de 2009. Novamente, a percepção pública desta violência é caracterizada por uma forte ambiguidade. A violência policial é perfeitamente legitimada pela população em geral, pela ideia bastante comum de que a repressão violenta é a única forma de intervenção para com os thugs, e os infratores em geral. “Mas quais direitos humanos! (gritava na rua uma rapariga a seguir mais um confronto entre thugs) Os direitos humanos são para as pessoas, e os thug não são pessoas (*thug i ka genti*)”.

Se os thugs representam uma continuidade, e não uma ruptura, são também, sem dúvida um fenômeno novo, em Cabo Verde, algo que é identificado como ‘diferente’, perturbador, chocante, que tem alterado a forma como as pessoas vivem e entendem os espaços da cidade. É importante precisar que, apesar da já salientada falta de colaboração para com as forças da ordem, as acusações e as queixas contra os thugs são muitíssimas entre os moradores do bairro. De fato os confrontos entre thugs têm desestabilizado as regras do convívio no espaço público da rua, tornando a violência e o confronto entre homens potencialmente mortífera para si e – sobretudo – para os outros. Os thugs “ameaçam” o espaço e o convívio das ruas, mas não são o seu produto degenerado como as instituições de intervenção social parecem as vezes apontar.

Masculinidade em crise: os jovens sem poder social e a apropriação de estilos de juventude globais

Se com base na nossa análise encontramos as bases do comportamento dos thugs nos bastidores da masculinidade hegemônica em Cabo Verde, poderíamos perguntar porque é que este fenômeno surge na década de 2000. Porque os thugs, e porque hoje? Para entender isso temos que analisar brevemente a história recente do bairro. De fato, sem querer generalizar forçosamente, o bairro Brasil é emblemático das transformações da economia e do mercado do emprego em Cabo Verde nos último 50 anos.

Contrariamente a outros bairros que têm surgido recentemente na periferia e nas encostas da cidade da Praia para hospedar a crescente população da capital, o bairro Brasil é um bairro histórico, um dos primeiros a serem edificadas fora do Platô, centro econômico e administrativo da cidade colonial. O bairro Brasil, bem como o igualmente antigo de Achada Grande de Frente, foram das primeiras expansões urbanísticas da capital. A economia do bairro foi, antes da independência, articulada com o sector da pesca industrial. Até 1975 a maioria da população do bairro Brasil era mão-de-obra para os barcos da pesca de atum (os homens) e para a fábrica de conservas (as mulheres) ULTRA de propriedade portuguesa. Paralelamente, existia um florescente sector de pesca artesanal. Depois da independência, em 1975, a fábrica ULTRA foi nacionalizada, acabando por fechar no início dos anos oitenta. O decréscimo das oportunidades de trabalho para a mão de obra não especializada não teve efeitos dramáticos até quando o Estado cabo-verdiano manteve um regime de partido único e uma economia fechada e nacionalizada, com produtos alimentares a preços controlados. Nessa mesma época, a ENAPOR, a empresa que geria o porto comercial da Praia, na altura do Estado, proporcionava também empregos assalariados aos homens do bairro Brasil, principalmente como estivadores.

Esta situação de relativa estabilidade veio a se alterar profundamente com a passagem para uma economia liberal. Com o encerramento da ULTRA, a privatização da ENAPOR, e o paralelo declínio da pesca artesanal, as oportunidades, no bairro Brasil, para a geração que chegou a idade do trabalho nos anos Noventa, decresceram de forma dramática.

De forma geral, desde esta época, com a liberalização da economia nacional e as intervenções do FMI na gestão do país, Cabo Verde tem enfrentado transformações econômicas e sociais profundas. Cabo Verde é um caso notável em África, pelo ótimo desempenho econômico associado à implementação de um sistema político democrático estável. As remessas dos emi-

grantes, juntamente com o interesse da indústria internacional do turismo e os investimentos do sector imobiliário, determinaram até agora um crescimento sensível no PIB do país, e o desenvolvimento da economia cabo-verdiana é hoje comparável ao dos países emergentes: em 2007, as Nações Unidas promoveram Cabo Verde da categoria dos 'países menos desenvolvidos' para a dos 'países de desenvolvimento médio'. A demografia do país mostra um crescimento da população nas últimas duas décadas, de 340.000, em 1990, para 500.000, em 2009. A percentagem da população urbana também aumentou significativamente. Em 1999, 55% da população total viviam em áreas urbanas; em 2009, esse valor chegou aos 61,5%, e as projeções demográficas preveem que, em 2020, 68% da população residirá em áreas urbanas. O Mindelo, a segunda maior cidade, passou de 51.000 habitantes, em 1990, para mais de 74.000, em 2008, enquanto Praia, a capital, passou de cerca de 71.000, em 1990, para 130.000, em 2008 (INE 2008).

A sociedade cabo-verdiana apresenta-se hoje cada vez mais multifacetada e heterogênea, profundamente marcada pela desigualdade e pela exclusão social, pela emergência de novos estilos de vida e de novos atores sociais, por divisões sociais dramáticas que põem em causa o ideal da sociedade mais igualitária do pós-independência e a real possibilidade da concretização dos direitos de cidadania e desenvolvimento para todos. Todos os indicadores nacionais apontam para uma crescente desigualdade social e polarização de classes: apesar de a 'classe média' ter crescido de forma considerável nos anos mais recentes, existe um estrato da população que ainda se encontra em condições de pobreza extrema. Dez por cento da população absorvem 50% do consumo nacional, enquanto os 20% mais pobres absorvem 3% do mesmo. Estudos recentes confirmam que a percentagem de população definida como 'pobre' ou 'muito pobre' terá aumentado desde 1990. De 1989 a 2002 a percentagem de população 'pobre' aumentou de 30 para 37%; a de população 'muito pobre' de 14 para 20% (Sangreman, 2005, p. 20).

O Bairro Brasil não é exceção desta diversidade interna da sociedade cabo-verdiana. A população do bairro não é de fato homogênea em termos socioeconômicos, e existem situações profundamente diversificadas, que se refletem, também, nas diferentes tipologias habitativas que se encontram na área. O bairro Brasil é um objeto social complexo, que só por falta de análise pode ser aproximado a outras formas de marginalidade urbana, como o gueto americano ou a favela brasileira. Como salientou Loïc Wacquant:

(U)rban marginality is not woven everywhere in the same cloth (...) The *generic mechanism* that produce it, like the *specific forms* it assumes, become fully intelligible once one take caution to embed them in the historical matrix of class, state and space characteristic of each society at a given epoch. It follows that we must work to develop more complex and more differentiated pictures of the 'wretched of the city' if we wish accurately to capture their social predicament and elucidate their collective fate in different national contexts (Wacquant, 2007, p. 2)

Em termos gerais todavia, a situação da população juvenil nas áreas urbanas – inclusive no bairro Brasil – é, de fato, particularmente crítica. As taxas de desemprego são muito elevadas, chegando a um valor de 57% entre os indivíduos de sexo masculino com 15 a 24 anos (INE 2008). Este dado está também relacionado com o declínio da emigração transnacional (Carling, 2004). Tradicionalmente, a emigração tem sido em Cabo Verde o recurso principal para a mobilidade social. Nas últimas duas décadas, todavia, as políticas migratórias cada vez mais restritivas dos países de destino têm impedido a porção mais pobre da nova geração de seguir os passos dos seus pais e avós, tornando para muitos deles praticamente impossível melhorar de forma significativa as suas condições econômicas:

... há poucas dúvidas em relação ao fato de que, com a restrição das oportunidades da emigração, os pobres foram afetados mais criticamente. Isto tem implicações importantes para o desenvolvimento, num país onde uma grande parte dos agregados familiares depende das remessas. Nesta situ-

ação, o acesso à esfera transnacional torna-se um elemento importante da estratificação social, interligando-se com o estatuto socioeconômico. Vir de uma família pobre torna menos provável que se tenha a possibilidade de emigrar e, quando isto acontece igualmente com os familiares próximos, a probabilidade de se receber remessas é também mais reduzida. (Carling, 2004, p. 120)

Em Cabo Verde, em particular nas áreas urbanas, algumas camadas juvenis apresentam situações de exclusão social comparáveis às evidenciadas em outros contextos africanos. A questão é a da inserção problemática de um grande número de jovens na ordem socioeconômica e política do pós-independência. Enquanto as oportunidades de continuarem os seus estudos diminuem para os jovens diplomados, o número de jovens desempregados sobe de forma dramática. Hoje, também os jovens mais escolarizados estão confrontados com a falta de oportunidades de emprego, a mobilidade social bloqueada e o desespero quanto ao seu futuro¹¹. Nas áreas urbanas em todo o continente, os jovens parecem serem constrangidos a permanecer jovens (dependentes, carentes, celibatários...) com dificuldades no acesso a salários, ao casamento ou a uma residência autônoma, numa situação que Henrik Vigh – referindo-se aos jovens na Guiné-Bissau – definiu como de moratória social (2006).

De fato, em Cabo Verde já existem *duas* gerações que ficaram afetadas pelas transformações socioeconômicas neoliberais: a primeira nasceu logo depois da independência e chegou a idade do trabalho nos meados dos anos noventa; a segunda, da qual fazem parte a maioria dos thugs, que nasceu nos anos noventa, e chegou a adolescência na década de 2010. Quando falamos

¹¹ Existe um grande *corpus* de literatura sobre a juventude em África, especialmente ligada aos contextos urbanos no pós-independência. Veja-se, entre outros, Mbembe (1985); O'Brien (1996); *Anthropological Quarterly*, 73 (3), Julho de 2000, e 73 (4), Outubro de 2000; *Politique Africaine*, 80 (Dezembro de 2000) e *Autrepart*, 18, organizado por René Collignon e Mamadou Diouf (2001); o volume organizado por Alcinda Honwana e Filip De Boeck (2005); Abbink e van Kessel (2005); Bordonaro e Carvalho (2010).

portanto de crise da juventude, estamos de fato a falar de uma crise que se alastra desde os anos 90, e cujos efeitos tem afetado inicialmente uma porção da população que hoje se aproxima aos quarenta anos de idade.

Os thugs são portanto os filhos dos jovens dos anos 90, os jovens da assim definida “geração perdida”, de muita literatura sobre juventude africana. São os filhos da “crise da juventude”. Eles partilham com a geração precedente uma situação profundamente precária em termos de acesso ao emprego e, em geral, uma impossibilidade de desempenhar o papel tradicionalmente atribuído aos homens adultos.

A emergência do fenômeno thug, e a interpretação que avancei segundo a qual o seu comportamento e ethos seriam expressões paroxísticas da ideologia de gênero masculina, está ao meu ver relacionada com uma “crise da masculinidade”, uma crise das formas de acesso à autoridade masculina. Trata-se de um processo de *de-powerment* de um inteiro sector da população, que tem deixado uma geração presa entre um ideal de masculinidade *bread-winner*, economicamente dominante e autosuficiente, e uma situação real de desemprego, dependência, e marginalidade. A masculinidade, desprovida de meios, se veste de símbolos e atos simbólicos levados até o paroxismo. Os valores masculinos são continuamente disputados no espaço público e necessariamente reafirmados através de manifestações de agressividade e do confronto.

A tese do *de-powerment* não tem a ver, se não secundariamente, com a questão da pobreza material. A pobreza concreta era certamente maior há 60 anos em Cabo Verde. Trata-se mais do crescimento da desigualdade social associada à dificuldade pelos jovens de ter acesso a posições de ‘autoridade’ e poder por vias socialmente legítimas – essencialmente através do trabalho ou da emigração. A dificuldade de acesso ao emprego não produz necessariamente pobreza nos jovens do Brasil, mas sim depen-

dência e imobilidade social. A procura de ‘respeito’ no contexto socioeconômico contemporâneo torna-se um quebra cabeça pelos jovens das ‘classes populares’ em Cabo Verde.

Com isso não quero reduzir o fenômeno cultural e social em algo puramente reativo, no resultado mecânico das dinâmicas econômicas. Os thugs são um fenômeno cultural e simbólico, que resulta da procura estratégica de *self-empowerment* (Bordonaro 2010) através do uso apropriado de elementos semântico e comportamentos violentos, para produzir identidades positivas e eficazes num contexto marcado pela precariedade laboral e pela instabilidade econômica. A apropriação de símbolos e de elementos da cultura juvenil global do hip-hop se encaixa nesta mesma lógica (Redy, 2011a). Os jovens aproveitam do poder identitário dessa cultura juvenil global, e inscrevem a sua identidade numa narração estilística alheia, mas que eles tornam localmente significativa. Trata-se de uma *apropriação*, não de uma *influência*, que permite um acesso alternativo ao reconhecimento social e à construção de uma identidade forte e eficaz.

Conclusão

Os thugs são a híper-expressão de uma lógica de pertença e proteção, de uma ideia de respeito e valentia que é intrínseca nas dinâmicas sociais dos bairros da Praia, e que tem sido exacerbada pelas recentes políticas econômicas e urbanísticas do país. Os thugs não são, portanto, uma descontinuidade histórica ou social. Não podem ser analisados separadamente do contexto onde nasceram e cresceram, como se tratasse-se de um fenômeno social singular, atípico, desviante. Os thugs, pode parecer paradoxal, não são um desvio. Apesar da opinião pública os considere como uma degeneração, como um elemento que corrompe a lógica do bairro e da convivência civil, devem ser considerados em continuidade e não em ruptura com a cultura do bairro. Sem dúvida, a influência ‘externa’ houve, e ainda há – os jovens

em Cabo Verde fazem hoje parte da *cultural juvenil 'global'*, partilhando traços comuns com os seus colegas em Boston, Cape Town e Rio de Janeiro.

Todavia, os thugs não são o resultado de uma 'contaminação externa', uma doença cujas causas possam ser identificadas *fora* da sociedade urbana cabo-verdiana. Apontar para a influência negativa do exterior sobre a juventude cabo-verdiana (deportados dos EUA, filmes, músicas..) é uma análise social míope, ou então um bode expiatório para quem, dentro e fora do país, tem gerido a república de Cabo Verde. Os thugs são o produto dessa mesma sociedade e da forma como a mesma está inserida em dinâmicas económicas e políticas globais, manifestando continuidades com as suas lógicas sociais e culturais, bem como apropriando-se de traços da cultura juvenil global. Ainda, são o resultado de um processo de marginalização das camadas juvenis e de políticas sociais pouco eficazes, cujas responsabilidades são tanto locais, quando internacionais.

Referências Bibliográficas

ABBINK, Jon, e Ineke VAN KESSEL (orgs.). *Vanguard or Vandals: Youth Politics and Conflict in Africa*. Leiden: Brill, 2005.

BORDONARO, Lorenzo I. Semântica da violência juvenil e repressão policial em Cabo Verde. *Direito e Cidadania (Praia)* 30: 169-190. 2010.

BORDONARO, Lorenzo I. e Clara CARVALHO (orgs.). Youth and Modernity in Africa. *Cadernos de Estudos Africanos* 18/19, Lisboa. 2010.

BORDONARO, Lorenzo I. e LIMA, Redy Wilson. A gestão das crianças em situação de rua e o surgimento do 'estado serviço social' em Cabo Verde. In Muller, Verónica R. (ed.) *Crianças dos Países de Língua Portuguesa: histórias, culturas e direitos*. Maringá: EDUEM, 107-138. 2011.

BORDONARO, Lorenzo I. Tolerância Zero Crioula: Cabo Verde e a "Guerra contra o crime". In PUREZA, José Manuel; ROQUE, Sílvia; CARDOSO Katia (Eds.), *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: CES/Almedina: 83-106. 2012.

- BOWMAN, Glenn. The violence in Identity. Em Bettina E. Schmidt e Ingo W. Schröder (Orgs.) *Anthropology of Violence and Conflict*, London, Routledge, 25-46. 2001.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34. 2000.
- CARDOSO, Kátia. 2012. Thugs e violências: mitos, riscos e omissões. em José Maria Pureza, Sílvia Roque e Kátia Cardoso (Orgs.), *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Almedina/CES, pp. 19-56.
- CARLING, Jørgen. Emigration, return and development in Cape Verde: the impact of closing borders. *Population, Space and Place* 10 (2): 113-132. 2004.
- CARRIGAN, Tim, Bob CONNELL, e John LEE. Toward a New Sociology of Masculinity. *Theory and Society* 14 (5): 551-604. 1985.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. Cambridge: Polity. 1995.
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no norte do Brasil. Editora Rocco: Rio de Janeiro. 1997.
- DAVIS, Mike. *Planet of Slums*. London: Verso. 2006.
- HECHT, Tobias. *At Home in the Street: Street Children of Northeast Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.
- HONWANA, Alcinda and Filip DE BOECK (orgs.). *Makers and Breakers: Children and Youth in Postcolonial Africa*. Oxford e Dakar: James Currey e CODESRIA. 2005.
- INE Instituto Nacional de Estatísticas. *Resultados da revisão das projecções demográficas- Cabo Verde 2000-2020*. Praia: Instituto Nacional de Estatísticas. 2008.
- KOVATS-BERNAT, J. Christopher. *Sleeping Rough in Port-Au-Prince: An Ethnography of Street Children and Violence in Haiti*. Gainesville, Fla: University Press of Florida. 2006.
- LIMA, Redy Wilson. Thugs: vítimas e/ou agentes da violência?, *Revista Direito e Cidadania (Edição Especial – Política Social e Cidadania)*, no 30, pp. 191-220. 2010.
- LIMA, Redy Wilson. Tribos urbanas da Praia: os casos dos thugs e dos rappers, em Iolanda Évora e Sónia Frias (Coords.), *e-book In Progress: 1o Seminário sobre Ciências Sociais e desenvolvimento em África*. Lisboa: CEsa, pp. 43-50. 2011a.
- LIMA, Redy Wilson. Praia, cidade partida: apropriação e representação dos espaços, em Luca Bussotti e Severino Ngoenha (Orgs.), *Cabo Verde da independência a hoje – Estudos Pós- Coloniais*. Udine: Aviani & Aviani, pp. 49-66. 2011b.
- LIMA, Redy Wilson. Delinquência juvenil coletiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrónica, em José Maria Pureza, Sílvia Roque e Kátia Cardoso

(Orgs.), *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Almedina/CES, pp. 57-82. 2012.

MBEMBE, Achille. *Les Jeunes et l'Ordre Politique en Afrique Noire*. Paris : L'Harmattan. 1985.

O'BRIAN, Donald B. Cruise. A lost generation? Youth identity and state decay in West Africa. Em Richard Werbner e Terence Ranger (orgs.), *Postcolonial Identities in Africa*. London and New Jersey, Zed, 55-74. 1996.

ROBBEN, Antonius C. G. M e Carolyn NORDSTROM. Introduction: The Anthropology and Ethnography of Violence and Sociopolitical Conflict. Em Carolyn NORDSTROM e Antonius C. G. M ROBBEN (orgs.) *Fieldwork Under Fire: Contemporary Studies of Violence and Survival*. Berkeley: University of California Press. Pp. 1-24. 1995.

SANGREMAN, Carlos. *A Exclusão Social Em Cabo Verde. Uma Abordagem Preliminar* Lisboa e Praia: ACEP – Associação para a Cooperação Entre os Povos (Portugal) e Plataforma das ONGs (Cabo Verde). 2005.

SIMONE, Abdou M. *For the City yet to Come: Changing African Life in Four Cities*. Durham, N.C: Duke University Press. 2004.

VIGH, Henrik. *Navigating Terrains of War: Youth and Soldiering in Guinea-Bissau*. New York: Berghahn. 2006.

VIGIL, J. D. Urban Violence And Street Gangs. *Annual Review of Anthropology* 32 (1): 225–242. 2003.

WACQUANT, Loïc. *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*. CAMBRIDGE: Polity. 2007.

WOLFGANG, Marvin E. and Franco FERRACUTI. *The Subculture of Violence: Towards an Integrated Theory in Criminology*. London: Routledge. 1967.

ZALUAR, Alba. Oito Temas Para Debate. Violência e Segurança Pública. *Sociologia, Problemas e Práticas* (38): 19–24. 2002.

Recebido em 01/10/2012

Aprovado em 15/11/2012